

## Reflexões sobre a prática pedagógico-musical: participação e ação das crianças

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação musical

*Silani Pedrollo*

*Universidade do Estado de Santa Catarina – profsilani@hotmail.com*

*Teresa Mateiro*

*Universidade do Estado de Santa Catarina – teresa.mateiro@udesc.br*

**Resumo.** Pretende-se, neste texto, tecer reflexões sobre as ressignificações das práticas pedagógico-musicais, considerando a participação das crianças e suas ações mediante as decisões de uma atividade sobre arranjo musical coletivo. Os aportes teórico-metodológicos apoiam-se em Qvortrup (2010), Sarmiento (2004), Coutinho (2010), Cunha (2014; 2018; 2021), Brito (2007), entre outros. Este trabalho contribui para os modos de pensar uma educação musical que abranja as ideias das crianças como sujeitos da sua formação intelectual, pessoal e social, participantes desse processo em parceria com os professores.

**Palavras-chave.** Educação musical infantil. Sociologia da infância. Formação docente.

**Title. Reflections on the Music Pedagogical Practice: Children's Participation and Action**

**Abstract.** In this text, we intend to reflect on the re-significations of music pedagogical practices, considering the participation of children and their actions through the decisions of an activity on collective musical arrangement. The theoretical and methodological contributions are based on Qvortrup (2010), Sarmiento (2004), Coutinho (2010), Cunha (2014; 2018; 2021), Brito (2007), among others. This work contributes to ways of thinking about a music education that encompasses the ideas of children as subjects of their intellectual, personal, and social education, participants in this process in partnership with teachers.

**Keywords.** Early childhood music. Sociology of childhood. Teacher education.

### 1. Introdução

Neste trabalho pretende-se tecer reflexões sobre as ressignificações das práticas pedagógico-musicais, considerando a participação das crianças e suas ações, mediante as decisões de uma atividade sobre arranjo musical coletivo. Essa atividade foi realizada durante o estágio curricular supervisionado do curso de Licenciatura em Música,<sup>1</sup> com uma turma de educação infantil no âmbito da escola pública, no segundo semestre de 2017.

Na educação infantil, pesquisadores de várias áreas como da sociologia, educação, psicologia e educação musical têm se debruçado em estudar a criança como protagonista de sua aprendizagem. Na literatura da sociologia da infância, por exemplo, encontram-se autores como Qvortrup (2010) e Sarmiento (2004) que estudam questões relacionadas à infância e podem auxiliar professoras<sup>2</sup> e outros profissionais nessa temática. Segundo Barroca e Simões

(2018) até metade do século XX, as crianças eram vistas como um ser que necessitava de disciplina e formação para entrar na fase adulta. Ou seja, a princípio, eram compreendidas como adultos em miniatura e estudadas com bases comportamentais, conforme as fases de desenvolvimento, necessitando de acompanhamento e treinamento para adentrar na fase adulta.

No entanto, as autoras supracitadas destacam que, a partir de uma visão contemporânea, passa-se a questionar essas concepções e a conceituar a criança como um sujeito de direitos e protagonista na construção de seus conhecimentos. A ruptura aconteceu por meio do reconhecimento da ação das crianças como agentes de suas formações intelectuais, pessoais e sociais. Os estudos da sociologia da infância passaram, então, a pesquisá-las a partir de suas perspectivas, escutando suas vozes, gestos, expressões e movimentos. Dessa forma, ao nos depararmos com o ensino de música, mas não só, faz-se necessário compreender alguns conceitos da sociologia da infância que circundam o modo de ação das crianças para buscar caminhos rumo a uma educação musical que promova suas visibilidades.

## **2. Pesquisas na área da Sociologia da Infância**

As pesquisas de Barbosa, Delgado e Tomás (2016) demonstram que não é fácil teorizar sobre a infância e as crianças, sem levar em consideração os contextos estruturais, pois, em distintas sociedades, a infância tem duração variável. Segundo as autoras, o processo de definição de infância foi se constituindo a partir do início do século XX e ganhou força com a Declaração dos Direitos da Infância em 1959 e com a Convenção sobre os Direitos da Criança em 1989.<sup>3</sup> Nesse último, foi elaborado um texto jurídico, no qual, consta que os países membros deveriam cumprir as medidas descritas no documento, dentre elas, que todo ser humano menor de 18 anos compõe a categoria geracional da infância. No Brasil, em 1990, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), estabeleceu-se que a infância perdura até os 12 anos e, após essa idade, passam a ser denominados adolescentes e a maioridade se encontra ao completar 18 anos.

De acordo com as pesquisadoras, estudos na área da medicina, psicologia e pedagogia contribuíram para uma construção de uma norma de infância. Por conseguinte, colaborando com essa norma, os profissionais dessas áreas foram definindo modos de educação, aprendizagem e desenvolvimento infantil, no sentido de uma infância ideal, uma modelagem, em direção à adultez. Por outro lado, no campo da sociologia, os novos estudos

da infância e das crianças, a partir da década de 1980, emergem com a intenção de possibilitar a escuta, tradução e afirmação da voz e participação das crianças como um ato de liberdade em um encontro situado que conduzam imagens a partir de suas perspectivas.

Para compreender o contexto de construção social, onde se encontra inserida a infância e seus novos estudos, busca-se luz em Qvortrup (2010), que analisou a infância de forma macroestrutural para observar como ela vai se ajustando histórica e socialmente. A infância é compreendida como uma categoria na estrutura social, um período que pertence às estruturas geracionais: infância, idade adulta e velhice. Segundo Qvortrup, o termo “estrutura” rompe com a ideia de individualidade e provoca a pensar em termos de desenvolvimento da infância e, não, da criança. O autor salienta que dessa forma, a infância não é temporal, com começo e fim e, por isso, não pode ser compreendida como período, sendo mais apropriado pensar “como uma categoria permanente de qualquer estrutura geracional” (p. 635). Para ele, essas duas noções de infância não se contradizem, elas coexistem, porém, com significados diferentes.

A infância como categoria permanente sempre irá existir, enquanto o período passa por transformações. Assim como as demais categorias, vai se transformando conforme a modificação dos valores e as relações entre os parâmetros sociais ou estruturais, isto é, políticos, culturais, ideológicos, dentre outros. Nas palavras do autor: “a infância *tanto* se transforma de maneira constante *assim como* é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam” (QVORTRUP, 2010, p. 637 grifos do autor). Na mesma direção, Sarmiento (2004) destaca que o lugar da criança é o lugar das culturas da infância e, esse, reestrutura-se continuamente pelas condições estruturais, as quais, definem as gerações em cada momento histórico concreto.

Sarmiento (2004) quer dizer que as culturas da infância possuem dimensões relacionais, que acontecem nas interações entre as próprias crianças, assim como, das crianças com os adultos, de forma que elas exprimem a cultura em que estão inseridas, porém, de modo diferente da cultura dos adultos. Corsaro (2004), por sua vez, documentou a ação coletiva e agência das crianças na interação de suas brincadeiras, trazendo a ideia da reprodução interpretativa e culturas de pares infantis. Para ele, essas interações propiciam a compreensão do mundo adulto, como, por exemplo, as relações de poder. A reprodução interpretativa trata da dinâmica da socialização das crianças, na qual, elas não só internalizam as informações do mundo adulto, mas, participam ativamente na singularização dessas informações em seus pequenos grupos de convívio.

Nesse contexto geracional abordado por Qvortrup (2010), as crianças são vistas por Corsaro (2004) e Sarmiento (2004) como atores sociais, que exercem agências por meio de ações coletivas e que modificam e transformam contextos. Tomando a infância como parte da estrutura social e as crianças como co-construtores ativos de seus mundos é possível visualizar suas contribuições no âmbito da prática social historicamente situada. Como exemplo, os pesquisadores demonstram as mudanças das sociedades modernas ocorridas frente à escolarização e ao trabalho familiar, no que concerne às implicações ativas das crianças nesses contextos.

Os autores referenciados consideram, em seus estudos, que as crianças podem falar por si e têm seus próprios interesses. O conceito de ação coletiva foi observado neste trabalho, especialmente, na relação e negociação das decisões sobre o arranjo da canção de Dom Quixote. Para Coutinho (2010) falar em ação das crianças em espaços institucionalizados significa assumir sua posição de dependência, mas também de ação sobre o outro ao considerar que a estrutura institucional configura as ações das crianças, ao mesmo tempo que elas atuam nessas estruturas e as modificam. Isso posto, é importante considerar os direitos das crianças.

Os direitos de participação é uma das três categorias, dentre os direitos à provisão e à proteção, apresentadas no documento da Convenção sobre os Direitos das Crianças. É ressaltado o direito da criança de ser consultada e ouvida, ter liberdade de expressão, opinião e tomada de decisões. Outrossim, Cunha (2017, p. 52) destaca que “Participar significa ter uma voz que fala e que é ouvida e, mais que isso, que é considerada nas tomadas de decisão. Pode ser coletiva ou individual e diz respeito tanto ao processo como ao resultado alcançado”. Dialogando com estes autores e com outros da área da Educação Musical, propõe-se refletir sobre as ressignificações das práticas pedagógico-musicais considerando a participação das crianças e suas ações. Além disso, ponderar o que e como esses referenciais teóricos implicaram nos modos de pensar e fazer educação musical a partir do reconhecimento das falas das crianças, bem como, os sentidos e significados que carregam ao escutá-las e compreendê-las como categoria social.

### **3. Ação das crianças na criação de um arranjo musical**

Tem que mudá tudo mesmo, tá muito horrível, tem que tê todas as crianças. (Pedro,<sup>4</sup> 4 anos)

Iniciar com essa epígrafe é um exercício de mudança e reflexão sobre os desafios de entender-se como adultas que, por vezes, inconscientemente, não escutam as vozes das crianças no cotidiano de ensinar e aprender. Para esta comunicação, apresenta-se um recorte de algumas falas das crianças, de forma descritiva e interpretativa, nas decisões sobre a finalização do arranjo final da canção de Dom Quixote, realizado durante o estágio curricular supervisionado. Considerando os referenciais supracitados foi possível ampliar o olhar como educadoras musicais, no sentido de pensar as aprendizagens para os alunos, proporcionando um ambiente de construção de conhecimento compartilhado e dialógico.

A relação entre as áreas de Educação Musical e a Sociologia da Infância contribui para uma educação que traga a voz das crianças por elas mesmas. Dessa forma, a educação musical é um campo rico de possibilidades para as pesquisas sobre a infância. É por meio da música, que as crianças também “dizem” e compartilham seus desejos, cabendo às profissionais estarem atentas aos vários sinais demonstrados por suas vozes, criações, expressões e movimentos e, ou, ainda, interpretando o silêncio.

O estágio foi realizado com um grupo composto por catorze crianças sendo nove meninas e cinco meninos, entre os quatro anos e os quatro anos e onze meses. Entre os adultos, havia a professora de referência, a estagiária de música, atuando em parceria com um colega de Iniciação Científica, também de música e duas estagiárias de pedagogia. Convém ressaltar que neste texto, no entanto, leva-se em consideração as parcerias com os demais adultos, porém, trata-se de refletir sobre as ressignificações das práticas docentes de uma das estagiárias.

As aulas foram gravadas em áudio e vídeo, e tinham duração de três horas por semana, divididas entre as propostas de música e acompanhamento das atividades planejadas pela professora. Ademais, eram escritos relatórios semanais, descritivos e reflexivos, somados aos planos de aula. Ressalta-se que os responsáveis pelas crianças e a coordenação da escola assinaram um documento de autorização que integrou um projeto de pesquisa mais amplo, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina sob o parecer de número 1.328.698.

Nos primeiros encontros observa-se que a professora de referência já havia iniciado seu projeto e seus planejamentos incluíam aventuras, resoluções de problemas, curiosidades e, desafios envolvendo a contação da história de Dom Quixote de La Mancha.<sup>5</sup> Segundo Castro (2017, p. 1330) o planejamento pedagógico deve ser compreendido como uma atitude responsiva e “permeado pela apropriação da intencionalidade docente [...], sem

perder de vista o quê de processo brincante, lúdico, revelam-se nas ações das crianças”. Portanto, partindo do interesse das crianças sobre a temática, propôs-se, junto com a professora, aventurar-se para um mundo desconhecido – como fez Dom Quixote -, interagir com os personagens da história e trazer novas situações com o professor personagem Nicanor,<sup>6</sup> para criar coletivamente, crianças e adultos, histórias e músicas.

Na interação entre pares e entre adultos e crianças trazendo objetos que envolviam a fantasia do real (Sarmiento, 2004), nasceu a criação coletiva da canção de Dom Quixote. Foi no processo da proposta que ocorreu a participação e a ação das crianças perpassando por vários momentos: criação da letra, sonorização, sonoplastia, apreciação, construção de instrumentos alternativos, inclusive na própria busca e escolha de materiais, regência, arranjo analógico e execução da criação coletiva dos envolvidos.

As propostas foram fundamentadas nas ideias de Brito (2007), na exploração, imaginação e criação, debatendo e realizando as escolhas musicais, integrando atividades de apreciação, improvisação, composição e performance (FRANÇA; SWANWICK, 2002). Desse modo, em todo o processo, as crianças foram ouvidas e suas sugestões acolhidas, cabendo à estagiária, mediar, lançar perguntas e levar novos desafios. Pensando nas linguagens artísticas com crianças pequenas, Cunha (2021) ressalta que: “Nas descobertas e nos exercícios do fazer arte e dos gestos que emergem de cada uma dessas ações [sentir, perceber, ver, ouvir...], revelam-se estéticas infantis que se nutrem das estéticas adultas e com elas dialogam, mas que se mostram próprias às crianças pequenas [... ]” (CUNHA, 2021, p. 82).

A frase dita por uma das crianças, na epígrafe, carrega muitos significados. Trata-se do descontentamento de Pedro, justificado pela ausência de alguns de seus amigos no dia da gravação do arranjo da canção de Dom Quixote. Portanto, foi necessário encontrar uma solução para o que lhe incomodava e, nesse sentido, os conceitos trazidos pelos autores da Sociologia da Infância possibilitou à estagiária aproximar-se das perspectivas das crianças, ou seja, escutando-as e respeitando-as como sujeitos plenos de direitos. Sua insatisfação foi discutida com o grupo, que concordou que havia necessidade de uma nova gravação que incluísse a participação de todas.

Observa-se que a interação é importante na visão dessa(s) criança(s), no senso de pertencimento ao grupo que permite sua relação com os seus, e, conseqüentemente, contribui para a formação identitária e social, conforme apontou Sarmiento (2004). A interação, segundo o autor, trata das relações de pares, comunitárias, escolares, sociais, entre outras e é um dos

eixos estruturadores das culturas da infância.<sup>7</sup> O fato da estagiária colocar-se como ouvinte e não como detentora do poder de decisão, permitiu que a voz dessa criança fosse escutada ou, ainda, que as crianças que não estavam presentes na gravação, tivessem a oportunidade de se expressar musicalmente como autores e atores no processo. Cunha (2018) ressalta que em situações de descobertas e experimentações das crianças

[...] quando planejadas e conduzidas por adultos sensíveis, atentos e abertos às manifestações infantis, resultam em aprendizagens que se constroem a partir do entrelaçamento entre os interesses de investigação das crianças com os saberes das professoras, em processos nos quais as crianças são participantes de fato, com vozes que são ouvidas e consideradas nas tomadas de decisão. (CUNHA, 2018, p. 237)

Dessa forma, as negociações entre as crianças continuaram e as professoras foram mediando suas opiniões e sugestões: “tem que tá no ritmo da música”; “os metalofone precisa tocar na mesma ordem do xilofone”; “no final do chocalho a gente grita o nosso nome”. A partir dessas falas, a licencianda em formação docente buscou atuar como moderadora do tempo e espaço, observando, registrando, valorizando e afirmando as criações e contribuições das crianças, ao mesmo tempo precisou estar aberta aos desafios dessa proposta. Proporcionar a liberdade de escolhas aos estudantes não significa que a aula de música não tenha objetivos e planejamento. Ao contrário, exige das profissionais integração maior entre os direitos e deveres no ato pedagógico, no planejar cuidadosamente, na organização interligada aos interesses dos estudantes, como indica, Castro (2017).

A ação das crianças esteve relacionada aos seus modos de fazer música e a participação se deu pelo explorar, sentir, movimentar-se, improvisar com instrumentos trazidos ou no experimentar novos sons com folhas de árvores, potes, plásticos, chocalhos e nas suas vozes, cantadas ou faladas. A sonoridade e descobertas das crianças foram levadas em consideração e suas músicas validadas como autênticas, sendo esse, um dos princípios defendidos e, em conformidade, com Brito (2007) e Cunha (2014), por exemplo.

Cunha (2014), ao trazer a música das crianças e a importância da escuta por parte de professores que trabalham neste contexto, ressalta que é no “entrelaçamento entre as culturas adultas e as culturas infantis que pode surgir a música das crianças” (p. 76). A autora coloca que a música das crianças seria o resultado de suas assimilações do mundo musical adulto em que estão inseridas, mas, também de suas escolhas para dar sentido às suas interpretações desses fatos sonoros. Afirma que é necessário que os professores “ouçam essas experimentações e [...] invenções como manifestações genuínas das crianças no processo de construção do conhecimento musical” (p. 77). Consequentemente, este trabalho levou em

consideração o reconhecimento das manifestações musicais dessas crianças, suas experimentações sonoras, suas escolhas, suas ações e decisões enquanto grupo ao finalizar o arranjo musical (Figura 1) da canção de Dom Quixote.



**Figura 1:** Arranjo da Canção de Dom Quixote – acervo das autoras

É importante que o professor de música elabore seu planejamento de forma flexível baseado em fundamentações que o auxiliem desde o macro, o projeto, por exemplo, ao micro, como núcleos de aulas ou atividades, que permita abertura para as ideias trazidas pelas crianças. Cunha (2018) aponta que no planejamento dos projetos de trabalho das professoras, sejam previstas a participação das crianças com oportunidades de experimentar e inventar novos usos das propostas trazidas pelos adultos, tendo em vista suas autorias na capacidade de fazer e criar arte. A participação das crianças no contexto deste trabalho proporcionou que elas não só investigassem sonoramente, mas, também, fossem as criadoras do processo como agentes sociais naquele espaço, modificando e produzindo conhecimento musical. Como propõe a autora, um “balaio de músicas que permitem aos professores empreender aprofundamentos no conhecimento musical também a partir do trabalho realizado com as crianças” (p. 78).

Entende-se que como área de conhecimento, a música e outras artes no contexto da educação contribuem com as pesquisas sobre infância. Elas não apenas visibilizam as crianças e seus modos de pensar e agir, mas propiciam a reflexão e a ressignificação das práticas pedagógicas das professoras. É preciso, no entanto, que no processo do desenvolvimento profissional musical, os profissionais tenham contato com os estudos da sociologia da infância, além dos de educação musical. Eles podem auxiliar na garantia aos direitos das crianças e proporcionar um ensino e aprendizagem dialógico e substancial. Cunha (2018) reforça sobre a necessidade de estarmos atentos, conhecer os pontos de vista e estética das crianças, sendo isso, um desafio constante e “que deve estar na agenda da formação e dos estudos de todos os professores [...] (p. 247)”. Pensar com a educação musical e a sociologia da infância trazendo a voz das crianças neste contexto específico significa visibilizá-las por meio de suas expressões musicais. As crianças falam pelas músicas que elas inventam.

#### **4. Considerações finais**

Considerando as questões que circundaram este texto, observa-se que diante da ação das crianças, buscou-se também assumir o papel como formadoras, na ressignificação de conhecimento, criando parcerias entre adultos e crianças. A escolha de ouvir e considerar as ideias das crianças, nos planejamentos e ações pedagógicas, provocaram mudanças significativas na formação docente durante o período de estágio, como: revisitar os modos de como ensinamos e de como aprendemos música nas instituições de ensino e fora delas; rever

as atribuições do ser professora na educação infantil; e, ponderar sobre as crianças como seres de direitos.

Há que se considerar os diferentes aspectos culturais, emocionais, sociais dos estudantes, possibilitar um espaço que permita uma construção coletiva de ideias sobre músicas, criações permeadas por um processo propício aos debates e opiniões, ampliando e (re)significando conhecimentos de crianças e adultos. É nosso papel como educadoras musicais formar-se e formar cidadãos críticos e preparados para questionar e serem questionados na sociedade. Diante disso, a formação e as políticas públicas são pontos pertinentes a serem debatidos.

As contribuições desta reflexão abrangem os modos de pensar uma educação musical que leve em consideração as perspectivas sonoras das crianças como promotoras de mudanças sociais, construtoras de suas culturas. Dessa forma, ao se encontrar com o ser professora de música na educação infantil e ao se deparar com os referenciais da Educação Musical e da Sociologia da infância busca-se um modo de visualizar e vivenciar a educação em parceria com as crianças e com outros adultos. Outrossim, a certeza de continuar explorando novos conceitos e ressignificações da prática docente ao longo do desenvolvimento profissional.

### Referências

- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina Almeida. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? *Inter-Ação*, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/36055> Acesso em maio de 2021.
- BARROCA, Karla Cabral; SIIMÕES, Patrícia Maria Uchôa. Os estudos sociais da infância e a Educação Infantil: concepções de infância e desenvolvimento em questão *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 9, n. 25, p. 49-71, 2018.
- BRITO, Teca Alencar de. *Por uma educação musical do pensamento: novas estratégias de comunicação*. São Paulo, 2007. 297 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CASTRO, Joselma Salazar de. A docência na educação infantil como ato pedagógico: alguns elementos que a constituem. In: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, (13), 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos*, 2017. Disponível em [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25468\\_12657.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25468_12657.pdf) . Acesso em outubro de 2019.
- CORSARO, William. *Ação coletiva e agência nas culturas de pares de crianças*. Tradução Manuela Ferreira. São Paulo: Ática, 2004.
- COUTINHO, Angela M. S. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto de creche*. 2010. 291 f. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança). Universidade do Minho,

Braga, 2010. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11336> Acesso em maio de 2021.

CUNHA, Sandra Mara da. *Eu canto pra você: saberes musicais de professores da pequena infância*. São Paulo, 2014. 168 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-01122014-110443/pt-br.php>

Acesso em junho de 2021.

CUNHA, Sandra Mara da. Quebra-cabeça sonoro: um jogo chamado criação musical. *Orfeu*. v. 2, n. 2, p. 45-68, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530402022017045>

Acesso em maio de 2021.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças fazendo arte: processos de criação artística e formação profissional docente para a Educação Infantil. *Unisul*, Tubarão, v.12, n. 21, p. 235-250, Jan/Jun 2018. Disponível em:

<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/5923> Acesso em 30

maí de 2021.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças pequenas e arte: expressões e significações. *Em Aberto*, Brasília, v. 34, n. 110, p. 75-84, Jan/abr 2021. Disponível em:

<http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4587> Acesso em 30 mai de

2021.

FRANÇA, C; SWANWICK, K. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Revista Em Pauta*, v. 13, n. 21, p. 6-41, 2002. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526> Acesso em 07 abr de 2017.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, mai/ago. 2010. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n2/a14v36n2.pdf> . Acesso em 15 out de 2019.

MATEIRO, Teresa; PEDROLLO, Silani. O céu está caindo: Música, Drama e Imaginação. *Revista da ABEM*, v. 26, n. 40, p. 114-130, jan./jun. 2018. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/749>. Acesso em 26 jun de 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). *Crianças e miúdos, perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: ASA, 2004. p. 9-34. Disponível em:

<http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/attach/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf> Acesso em 20 mai de 2021.

## Notas

---

<sup>1</sup> Este trabalho integrou o Projeto de Pesquisa “Da sala de aula à profissão: o uso de tecnologias móveis”, desenvolvido no Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Teresa Mateiro e com apoio de bolsa de iniciação científica da UDESC (PROBIC).

<sup>2</sup> Compreendemos que há professores e educadores musicais atuando na Educação Básica, mas nos referimos a professoras e professores, educadores e educadoras musicais no gênero feminino, por considerar a ampla maioria de mulheres na docência e, especialmente, na educação infantil.

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>

<sup>4</sup> Pseudônimo de uma das crianças que participou das aulas de música no estágio curricular supervisionado.

<sup>5</sup> Livro escrito por Miguel de Cervantes, considerado por muitos como o expoente da literatura espanhola.

<sup>6</sup> Professor personagem é uma das estratégias utilizadas na metodologia do drama que foi introduzida no Brasil por Beatriz Cabral. No primeiro semestre de 2017 foi utilizada em parceria entre os estagiários de música e teatro com a mesma turma de crianças desta instituição. (Ver MATEIRO; PEDROLLO, 2018).



<sup>7</sup> Os eixos estruturantes da infância apontados pelo autor são quatro: a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração. (Ver Sarmiento, 2004)